Bruno Amadio: o pintor que teria feito um pacto com o Diabo



© Activité-Paranormale 2009-2026

Por trás dos olhos marejados de «O Menino que Chora», pendurado em milhões de salas, esconde-se uma das lendas urbanas mais persistentes do século XX: a de um artista, de um órfão alcunhado «Diablo» e de uma maldição que pouparia os quadros enquanto as casas ardem. Investigação sobre um mito nascido num tabloide britânico.

Uma criança em lágrimas em milhões de lares

Quase de certeza já o viu: uma criança de olhar fixo, faces banhadas em lágrimas, lábios descaídos, muitas vezes vestida com um casaco escuro sobre fundo preto ou ocre. No corredor de uma avó, no átrio de um hotel, na parede de uma banca de feira da ladra. Reproduzida às centenas de milhares a partir dos anos 1950, a imagem tornou-se um monumento do kitsch europeu. Em alguns países enfeitava praticamente todos os lares: um cronista israelita, ao evocar a juventude, conta que era difícil encontrar uma casa sem este menino choroso na parede.

Mas desde 1985, o retrato carrega também uma reputação bem mais sulfurosa: a de um objeto amaldiçoado, atraído pelo fogo e assinado por um pintor que alegadamente vendeu a alma.

Quem era, afinal, Bruno Amadio?

Os «Crying Boys» costumam estar assinados «Bragolin», por vezes «Giovanni Bragolin» ou «Angelo Bragolin». Contudo, nunca existiu nenhum pintor com esse nome. Segundo as biografias disponíveis, o pseudónimo esconde **Bruno Amadio**, nascido em Veneza em 1911 (a 9 de novembro segundo umas fontes, a 15 de janeiro segundo outras) e falecido em Pádua a 22 de setembro de 1981. Usou também outros nomes artísticos, entre eles «Franchot Seville».

Formado na academia, Amadio trabalhava na Veneza do pós-guerra como pintor e restaurador, e realizava para os turistas estes retratos de crianças chorosas. Atribuem-se-lhe pelo menos sessenta variantes, em versões de rapaz e de rapariga, que a indústria da imagem reproduziu depois por todo o mundo sem o remunerar sempre devidamente. Outro pormenor contradiz a lenda: nos anos 1970 encontramo-lo vivo, relativamente abastado e ainda ao cavalete em Pádua.

A lenda: um órfão, um padre e um pacto

É aqui que o relato popular toma um rumo declaradamente diabólico. Na versão mais difundida, Amadio teria fugido da Itália para Espanha depois da guerra. Lá, teria encontrado um menino vagabundo, um órfão cuja família teria morrido num incêndio. Um padre teria avisado o pintor: por onde a criança passava, o fogo seguia-a. A alcunha do rapaz, «Don Bonillo» ou, mais dramaticamente, *Diablo*, completou-lhe a fama de pequeno demónio.

Amadio, por piedade ou por orgulho, teria ignorado o aviso, acolhido a criança e pintado a sua série de retratos. Depois, o seu ateliê teria ardido. Convencido de que o rapaz era o responsável, o pintor tê-lo-ia expulsado. Na maioria das versões, a criança morre mais tarde num acidente de automóvel ou num incêndio, e os retratos, agora impregnados da sua maldição, começam a espalhar o fogo pelas casas. O pintor, esse, teria perecido nas chamas.

Eis o «pacto»: um artista que aceita partilhar o seu teto, e a sua glória, com uma criança que o rumor diz condenada.

1985: «Blazing Curse of the Crying Boy»

A maldição, porém, não nasceu em Espanha, mas nas colunas da imprensa britânica. No início de setembro de 1985, um jornal local de Rotherham, no sul de Yorkshire, noticia o incêndio de uma habitação. Dois dias depois, o tabloide nacional *The Sun* agarra o tema. A 4 de setembro, na página 13, publica um artigo intitulado «Blazing Curse of the Crying Boy»: um casal, Ron e May Hall, acusa um quadro de uma criança a chorar de ter causado a destruição da sua casa, de que seria o único objeto a resistir às chamas. O irmão de Ron, bombeiro em Rotherham, teria acrescentado que outros casos semelhantes circulavam no quartel. (Algumas fontes datam a publicação de 5 de setembro.)

 © Activité-Paranormale 2009-2026

A investigação do folclorista David Clarke mostra que o caso foi empolado pelo jornal. O diretor da altura, Kelvin MacKenzie, farejou o filão. Seguiram-se semanas de cartas de leitores aterrorizados, relatos de incêndios e novas «vítimas». A lenda cresceu a ponto de as famílias que possuíam um exemplar já não o quererem manter em casa.

A fogueira do Sun

Perante a enxurrada, o jornal propôs aos leitores que lhe enviassem as suas reproduções para as destruir. Na noite de Halloween de 1985, cerca de 2500 estampas foram queimadas numa fogueira erguida em Oxfordshire. Um bombeiro presente ironizou sobre a cerimónia: esperavam-se gritos abafados, só se ouviu o crepitar do papel. O tabloide declarou em seguida que o feitiço estava quebrado.

> *«Eu digo sempre que são as lágrimas que apagam o fogo.»* – a mulher do bombeiro Alan Wilkinson, citada por David Clarke na Fortean Times.

Documento de arquivo reconstituído: a lógica da «série de cinquenta incêndios»

Reconstituição de cariz pedagógico, não autêntica. Não se trata da transcrição de um documento original: este bloco apresenta, sob a forma de uma nota de serviço, elementos relatados por David Clarke e pela imprensa. Nenhuma frase deve ser lida como citação da época.

NOTA DE SÍNTESE – SERVIÇO DE INCÊNDIOS DE SOUTH YORKSHIRE, ROTHERHAM (reconstituição)
Assunto: incêndios domésticos em que uma reprodução «Crying Boy» é encontrada intacta
Período abrangido: de 1973 a setembro de 1985
Registo mantido a título pessoal pelo oficial de quartel Alan Wilkinson: cerca de cinquenta casos
Causa identificada na maioria dos casos: imprudência humana. O incêndio de Rotherham que desencadeou o caso teria começado numa fritadeira.
Natureza dos quadros: reproduções baratas, não idênticas, vendidas aos milhares em grandes armazéns; o Sun calcula em cerca de 50 000 os exemplares em circulação no Reino Unido.
Apreciação do oficial: nenhuma ligação sobrenatural.
Seguimento: perante a histeria mediática, o chefe de divisão Mick Riley, do Yorkshire Fire Service, publicou um esclarecimento destinado a desarmar o rumor. O Sun manteve, ainda assim, que os bombeiros acreditavam na maldição.

O que diz a crítica racional

O caso é rico em explicações banais, que os investigadores céticos expõem sem dificuldade. Primeiro, o argumento do número. O próprio Sun estimava em cerca de 50 000 os exemplares em circulação no Reino Unido. Quando um objeto decora tantos lares, aparece mecanicamente numa parte dos incêndios domésticos. O viés é de pura estatística: o humorista Ray Peacock, num episódio de *The ParaPod*, resume-o com ironia dizendo que qualquer disco popular, presente em tantas salas, seria também «amaldiçoado».

Depois, o viés de seleção. Ninguém reporta «um incêndio em que o Crying Boy ardeu»: só os casos em que sobrevive entram para a história. Os investigadores notaram também que os quadros não eram idênticos: *«um sortido heterogéneo»*, nas palavras de David Clarke, de estampas baratas vendidas nos grandes armazéns britânicos dos anos 1960 e 1970. A única coisa que partilhavam era a comercialização em massa.

Para explicar a sobrevivência das molduras, costuma-se apontar a forma como estas reproduções eram penduradas e o suporte em que vinham montadas, mas esta hipótese, comum na literatura cética, continua a ser uma explicação plausível e não uma prova definitiva. Em todo o caso, não foi acolhida pelo Sun, que, como nota Clarke, não tinha qualquer interesse em procurar uma causa racional.

Por fim, a genealogia do mito. David Clarke indica que a história do órfão «Diablo» só surge no ano 2000, da pena do

 © Activité-Paranormale 2009-2026

autor liverpudliano Tom Slemen. Este enredo, que explica quem é a criança e porque o pintor teria acabado mal, é portanto quinze anos posterior ao pânico de 1985. Quanto a Amadio, longe de perecer nas chamas, morreu de doença em Pádua: o apresentador e humorista Steve Punt seguiu-lhe o rasto para a BBC Radio 4 (*Punt PI*, 2010) e publicou depois as conclusões no Sun. A lenda de um exílio espanhol e de um orfanato incendiado não pôde ser confirmada. O cético italiano Massimo Polidoro, no *Skeptical Inquirer* (novembro-dezembro de 2012), classifica igualmente o caso entre as lendas urbanas.

Porque sobrevive o mito

A história do pacto diabólico perdura porque preenche todas as casas do conto gótico: um artista à margem, uma criança amaldiçoada, um aviso eclesiástico ignorado, um objeto de aparência inocente que espalha a desgraça. Funciona ainda como vestígio do folclore dos «objetos assombrados», em que um quadro se torna suporte de uma presença. A internet limitou-se a reativar o rumor: fóruns, vídeos, anúncios de antiquários que juram possuir «o original amaldiçoado».

O mistério, no fundo, é o da fabricação de um mito. Um retrato de uma criança triste, vendido em série aos turistas de Veneza, bastou para alimentar quatro décadas de sustos, tendo como único «diabo» um ciclo mediático bem oleado. Bruno Amadio nunca assinou pacto algum. Pintou, vendeu e deixou, sem o saber, um dos mais belos casos de estudo da psicologia das multidões.

Satanismo - 24 octobre 2026 - Wakonda - CC BY 2.5